

• Política

PRESIDÊNCIA

10 NOV 1987
Sarney reafirma defesa da realização de eleições somente em 89

por Edson Beú de Brasília

O presidente José Sarney mandou, ontem, alguns recados pelo seu porta-voz, Antônio Frota Neto, para responder às especulações do fim de semana, dando conta de sua possível disposição de convocar eleições diretas já no próximo ano, como única saída para a crise do País: "Ele não coloca a duração de seu mandato como uma questão vital para o processo de transição; aceita qualquer decisão da Constituinte sobre a matéria", e, em tom de alerta, pede que "se as forças majoritárias tomarem outro caminho (que não seja o de cinco anos para seu mandato), deverão adotar posições claras e assumir toda a responsabilidade perante a Nação".

O governo, segundo Frota Neto, está vendo as especulações sobre eleições diretas em 1988, como uma "cortina de fumaça", que tem, por finalidade, encobrir o que ele considera o fato político mais importante dos últimos dias — a criação do bloco suprapartidário, o "centrão", que defende a mudança do regimento interno da Constituinte, de modo a permitir uma substancial alteração

em alguns capítulos já aprovados pela Comissão de Sistematização. Sarney mandou avisar também que, para ele, nada aconteceu até agora no País que justifique uma mudança de sua posição em relação à defesa de cinco anos para seu mandato e ao sistema presidencialista de governo.

Através do mesmo assessor, o presidente lembra que "o 'centrão', em nenhum momento agendou a questão do mandato".

Sarney ficou bastante irritado com as notícias publicadas sem a identificação da fonte (em "off"), afirmando que membros da sua família estariam tentando convencê-lo a antecipar sua saída do governo, com a convocação de eleições diretas. Frota Neto serve de testemunha, para assegurar que "em nenhum momento presenciou alguém da família presidencial falar sobre o assunto". O secretário de imprensa concluiu que algumas pessoas estão tentando falar em nome da família indevidamente e lembrou que "o presidente já tem um filho com mandato de deputado (Sarney Filho), que pode dar os recados que julgar necessários".

Sant'Anna aposta na aprovação dos 5 anos

Depois de contactar com todos os membros da Comissão de Sistematização, o líder do governo, deputado Carlos Sant'Anna, previu ontem que conseguirá manter sem grandes dificuldades o mandato do presidente José Sarney em cinco anos, por uma margem de 52 votos. Segundo sua pesquisa, até mesmo o grupo do senador Mário Covas não tem unanimidade a respeito do assunto e se dividirá entre quatro e cinco anos.

Sant'Anna disse à EBN que entre os muitos aspectos que pesam para uma posição favorável aos cinco anos está o fato de que uma eleição no próximo ano,

dentro de um sistema parlamentarista, impediria os candidatos de fazer campanha com um programa de governo para solucionar a crise, já que, se eleitos, eles seriam apenas chefes de Estado.

TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA

O líder governista está conversando com um a um dos membros da Sistematização e apurou que muitos preferem dar cinco anos ao presidente José Sarney como forma também de garantir o processo da transição democrática. Em suma, concluiu, as dificuldades do País estão contribuindo para esse clima, disse Sant'Anna.

"Parlamentarismo só no próximo governo"

por Guilherme Arruda de Porto Alegre

O ministro da Administração, Aluizio Alves, disse ontem em Porto Alegre acreditar que o regime parlamentarista será aprovado pela Constituinte para vigorar somente no próximo governo. Segundo sua avaliação, os constituintes também aprovarão mandato de cinco anos para o presidente Sarney.

Ele não entra na discussão sobre o seu partido durante anos ter lutado para o País não se submeter às regras do Fundo Monetário Internacional (FMI), e na semana passada negociar a dívida com esse compromisso. "Para começar, existem cinco PMDB dentro de um mesmo partido, sem necessariamente haver racha. Acontece que ninguém é contra ou a favor: o que sempre se procurou foi evitar uma política de recessão", enfatizou.

Para ele, a população deveria estar nas ruas aplau-

dindo o fato de o Brasil ser o primeiro país no mundo a renegociar a sua dívida externa com os bancos credores sem o aval do FMI, e ao mesmo tempo dentro da moratória. "Acontece que brasileiro gosta de milagre", disse.

Ele também não quis confirmar se o governo está estudando a adoção de um novo congelamento: "Se o ministro Bresser Pereira está planejando, eu desconheço".

A privatização de empresas públicas continua em andamento, disse Aluizio Alves, e deu como exemplo o edital da Mafersa, publicado recentemente. Admitiu que é muito difícil levar adiante esse assunto, devido ao medo que se tem em realizar uma operação sem que seja especulado no dia seguinte ter havido uma negociata. "Minha idéia era outra. Seria colocar ações na bolsa, tendo o governo como avalista, e com os recursos ressarcir-se de parte da transação."